

Cerâmica
de Coimbra
Séc. XVI - XX

Cerâmica
de Coimbra
Séc. XVI - XX

2 CERÂMICA DE COIMBRA séc. XVI a XX



Confesso que era um desejo antigo o de ver organizada uma exposição sobre a cerâmica de Coimbra. Sabia como é importante a colecção existente no Museu Machado de Castro que continuará a ser, em função das suas existências várias, o grande Museu de Coimbra. Penalizava-me o facto do longo período de encerramento por motivo das obras que naquele Museu se realizam. Dói-me a falta de divulgação desta particular expressão artística.

E, ao mesmo tempo, povoam-me a memória as exposições que tiveram lugar em Coimbra na década de sessenta e a excepcional riqueza de muitas outras colecções particulares. Como alimentam o meu particular gosto contemplativo os objectos que ainda me cercam.

Agradeço a quem me transmitiu este conhecimento e este interesse. Guardo a felicidade do coleccionador quando encontra uma outra peça e as descrições entusiasmadas de meu pai que acrescentavam riqueza aos pormenores e um valor extraordinário a cada descoberta.

Sei que, na vida, um dos nossos mais claros méritos é dar a conhecer o que fomos e como nos distinguimos.

A Coimbra das olarias populares e das experiências científicas dos investigadores universitários também celebra, neste particular, a sua especial natureza combinatória.

Uma vez mais a cidade e a Universidade, Briosio e Vandelli e tantos outros.

Ficarão, a partir de hoje, muitos de nós, a conhecer a cerâmica de Coimbra e a sua evolução histórica. É, reconhecêmo-lo, um excelente contributo que a Empresa de Turismo de Coimbra e o Museu Machado de Castro oferecem à fruição do nosso povo.

Carlos Encarnação
Presidente da Câmara Municipal de Coimbra

Coimbra, 30 de Junho de 2008

A marca, imagem e identidade cultural de uma comunidade urbana dependem muito (também) das suas actividades socioeconómicas. Se este princípio, de ordem geral, se aplica em qualquer espaço e tempo histórico, ele serve, de maneira particular, para ilustrar a relação de Coimbra com as características muito particulares da sua cerâmica. Na verdade, para além da vocação natural de cidade universitária, foi também, desde sempre, um centro de incontornável importância no domínio das artes e ofícios, alguns dos quais, com particular destaque para a cerâmica, evoluíram de forma significativa, ao ponto de se terem transformado, não só em *clusters* industriais de grande impacto, mas também como ponto de partida para a construção de linguagens artísticas específicas, facilmente reconhecíveis numa associação imediata e exclusiva com a cidade.

Mesmo quando a dimensão industrial se esbateu nas recentes e inevitáveis dinâmicas transformativas dos modelos produtivos tradicionais, a dimensão artística e artesanal tem vindo a manter uma vitalidade que urge reconhecer e potenciar, quer pelo desafio a um reforço e revitalização da sua identidade histórica, quer no apelo ao reafirmar do seu valor económico. Até porque a cerâmica é, talvez, a forma de expressão artística mais popular, apresentando uma maior variedade de compradores e coleccionadores, revelando, por isso mesmo, possibilidades mais efectivas de se constituir como o *pedaço da cidade* que podemos transportar e manter connosco.

É por esta razão que algumas das peças mais significativas da cerâmica de Coimbra, dos últimos cinco séculos, se encontram nos acervos dos principais museus nacionais, assim como estão presentes, também, em inúmeras colecções privadas. Juntá-las agora, num espaço físico situado numa zona da cidade onde cresceram e se desenvolveram alguns dos projectos de artesanato mais significativos, neste domínio, pretende ser um desafio aos habitantes da cidade e aos visitantes para que (re)encontrem uma das expressões da alma artística de Coimbra, desafiando-os a contribuir para a sua afirmação, enquanto meio fundamental para o desenvolvimento turístico.

Luís Alcoforado
Presidente do Conselho de Administração da Turismo de Coimbra, EM

Na sequência da investigação sobre a cerâmica coimbrã que se concretizou com a publicação da monografia *Cerâmica de Coimbra: do século XVI–XX*, o Museu Nacional de Machado de Castro, em parceria com a Câmara Municipal de Coimbra e a Turismo de Coimbra – Empresa Municipal, organizaram a presente exposição, materializando assim um desejo antigo tanto das entidades promotoras como de todos os interessados na história da cerâmica.

Exemplares representativos da colecção do Museu Nacional de Machado de Castro, de outros Museus e de coleccionadores particulares que amavelmente disponibilizaram peças das suas colecções, resumem a evolução da indústria na cidade e a sua importância para a economia local no período em questão.

A exposição está patente no Convento de São Francisco, próximo do Rossio de Santa Clara, local onde se localizou, entre outras, a Fábrica do Rossio de Santa Clara, fundada por Domingos Vandelli, em 1784, cujas faianças eram consideradas as melhores do País, ombreando com as congéneres da Real Fábrica de Louça, ao Rato.

A sua inclusão nas festas da cidade remete para a figura da sua padroeira, Rainha Santa Isabel e para os Mosteiros onde viveu e foi sepultada, que em muito contribuíram para o desenvolvimento da cerâmica local, fruto das suas vultosas encomendas.

António Pacheco
Director do Museu Nacional de Machado de Castro

A produção de louça de barro em Coimbra remonta ao povoamento da região, sendo o documento mais antigo que a ela se refere uma postura municipal datada de 1145.

Ainda que a designação louça de barro caracterize um tipo de objectos utilitários, em que a decoração é, muitas vezes, acessória, o vaso descoberto «na abóbada de uma capela do claustro de Santa Cruz» por António Augusto Gonçalves demonstra uma mestria que desmente esta ideia. Datado de 1558, dois anos após a publicação do Regimento dos maleigueiros cuja produção ocupou muito do espaço até aí reservado à louça de barro, a qualidade e a mestria técnica desta peça, de pura linguagem renascentista, é um testemunho eloquente de uma manufatura pujante e vocacionada para todas as classes sociais.





Em Coimbra o emprego do amarelo de antimónio na decoração da louça distingue-se da produção de Lisboa pela sua densidade. As peças com esta origem têm formas que remetem para épocas e gostos renascentistas e islamizantes anacrónicos, mas o tratamento decorativo evidenciado demonstra grande domínio técnico. Contemporâneos das manufacturas lisboetas são os dois pratos no estilo designado “desenho miúdo”, as duas únicas experiências conhecidas em que esta cor foi empregue em peças decoradas com este tipo de motivos.





A manufatura coimbrã distingue-se da lisboeta pela tonalidade dos vários pigmentos empregues, mais densos, com azuis violáceos e roxos acastanhados, e pela característica qualidade leitosa dos fundos brancos. Também é patente nesta produção um modo imaginativo de, através das condicionantes da forma, definir decorações inesperadas como a do sifão-cobra.

Em termos decorativos predominam em Coimbra, na 2ª metade do século XVII, três elementos: os “aranhões”, as “contas” e as “rendas”.

Os “aranhões”, estilizações dos motivos orientais de pêssegos e folhas de artemísia, tiveram aqui uma persistência maior do que em Lisboa, como o prova o prato datado de 1692. As “contas”, outra estilização oriental, esta do tema das cabeças de ruyi – o cogumelo mágico da imortalidade – foi uma das mais duradouras e significativas produções coimbrãs, sendo conhecidos exemplares datados de meados do século XVIII.





As “rendas” são um tema predominantemente associado à manufactura coimbrã e representam a transposição para a cerâmica da arte dos bilros. Reconhecido o seu papel estético e social na Europa de Seiscentos, a renda foi testemunho e acessório indispensável de estatuto, aspecto que se pode observar pela sua predominante associação a elementos heráldicos. Paralelamente ao tema de “rendas” surge um outro tipo de decoração, estilizado e onde este é já um referente distante, ainda que perceptível, mas mais próximo de evocações têxteis.

Presença constante em grande número de objectos quer de louça malegueira, de feição mais utilitária, quer mais requintados, o brasão da Rainha Santa demonstra o impacto que a memória e o culto de Isabel de Aragão teve na cidade.

À divulgação desta heráldica não terá sido alheia a importância de uma das principais casas monásticas coimbrãs, guardiã do túmulo da Rainha, nos mosteiros de Santa Clara-a-Velha e de Santa Clara-a-Nova.





Com o final do século XVII, mas especialmente com o início do século XVIII, assistiu-se em Coimbra ao aparecimento de um dos seus mais influentes artistas cerâmicos, Agostinho de Paiva. A este nome, perpetuado numa vasta descendência, está associado um dos períodos mais florescentes da produção coimbrã. A ele se deve a primeira peça marcada feita nesta cidade, uma bacia datada de 169..., a que se podem associar pela forma outras de decoração densa a que, por vezes, a policromia dá uma nota de requinte. A esta fase de produção podem ser associadas uma série de peças datadas, que nos permitem definir o gosto então vigente, e onde são patentes elementos decorativos que conjugam sobre fundo reticulado reservas preenchidas com motivos variados, numa diversidade que demonstra a imaginação dos artistas de Coimbra.

Eventualmente associados a esta produção deverão estar os membros de outra família, decisiva na História da manufactura de louça de Coimbra, os Briosos.

A proximidade destes com os mais importantes produtores de cerâmica da cidade, como os Paiva, torna difícil a atribuição segura de autorias.





Uma das principais características que distingue a produção de Coimbra das restantes manufacturas cerâmicas nacionais é o gosto pela forma escultórica.

Eventualmente, aos Briosos poderia-mos associar a criação de uma série de objectos escultóricos, pois, apesar da diferença temporal que os separa, é sensível uma afinidade de conceito entre a impressionante pia de água benta, datada de 1689, e os bustos relicário ou as pequenas esculturas de santos dos finais do século XVIII.

Uma série de tinteiros poderão ser imputáveis a Manuel da Costa Bioso, bisneto do fundador da dinastia e homónimo do seu avô, pois um deles encontra-se marcado *BR.ZO 17....* Estes serão provenientes de uma mesma unidade, pela utilização de elementos moldados idênticos, mas aplicados de modo diverso e variado. De uma produção diferente, mas ainda associada a esta família, são as peças decoradas num espírito *rocaille*, plenas de cor e facilmente associáveis à manufactura de azulejos produzidos na Fábrica de Louça Vidrada. Marcadas Bioso e datadas de 1779 e 1781 representam um novo espírito, com referentes mais eruditos e maior domínio da decoração, eventualmente associável a outro Manuel da Costa Bioso, primo do anterior.





Sintomáticas da imaginação dos pintores de louça de Coimbra são as peças designadas pré-ratinhos, expressão redutora por considerá-las subsidiárias, ainda que precursoras, de outra das mais características manufacturas locais. Trata-se de um curioso conjunto de decorações, muitas das quais retomadas posteriormente e com outro espírito, pela produção designada ratinho, onde são sensíveis vários referentes. O aspecto mais interessante, praticamente sem paralelo com outros centros de produção nacional, é o facto do tema, muitas vezes figurativo, ocupar todo o espaço disponível da superfície do prato, abdicando de quaisquer elementos decorativos de emolduramento. Empregando esmagadoramente o azul de cobalto e o roxo de manganês, mais tardiamente foi associada a esta paleta o verde de cobre, como testemunha a pipa datada de 1782.



Sinónimo de uma das mais cuidadas e requintadas produções nacionais, Domingos Vandelli está associado, na classificação de objectos cerâmicos, ao que tecnicamente de melhor se executou em Portugal. Médico e botânico, convidado pelo Marquês de Pombal no âmbito da reforma da Universidade de Coimbra, fundou em 1784 a Fábrica do Rossio de Santa Clara.

A louça Vandelli distingue-se pelo branco imaculado dos fundos e por uma tonalidade que nenhuma outra manufactura nacional conseguiu encontrar, um matiz laranja rosado que demonstra o domínio técnico deste mestre e químico italiano, sabiamente conjugado com outras cores suaves, numa paleta absolutamente distinta de todas as outras conhecidas em território nacional.

Sintomática das simpatias napoleónicas do mestre é a introdução de duas garrafas em forma de figuras femininas, trajando à moda Império, tema retomado noutros objectos sob a forma de pintura, que o seu filho Alexandre Vandelli transferiu aquando da sua direcção da Real Fábrica de Louça, ao Rato, em Lisboa.

A produção Vandelli influenciou numerosos ceramistas, nomeadamente António José Gonçalves Neves, pai do fundador do Museu Nacional de Machado de Castro.





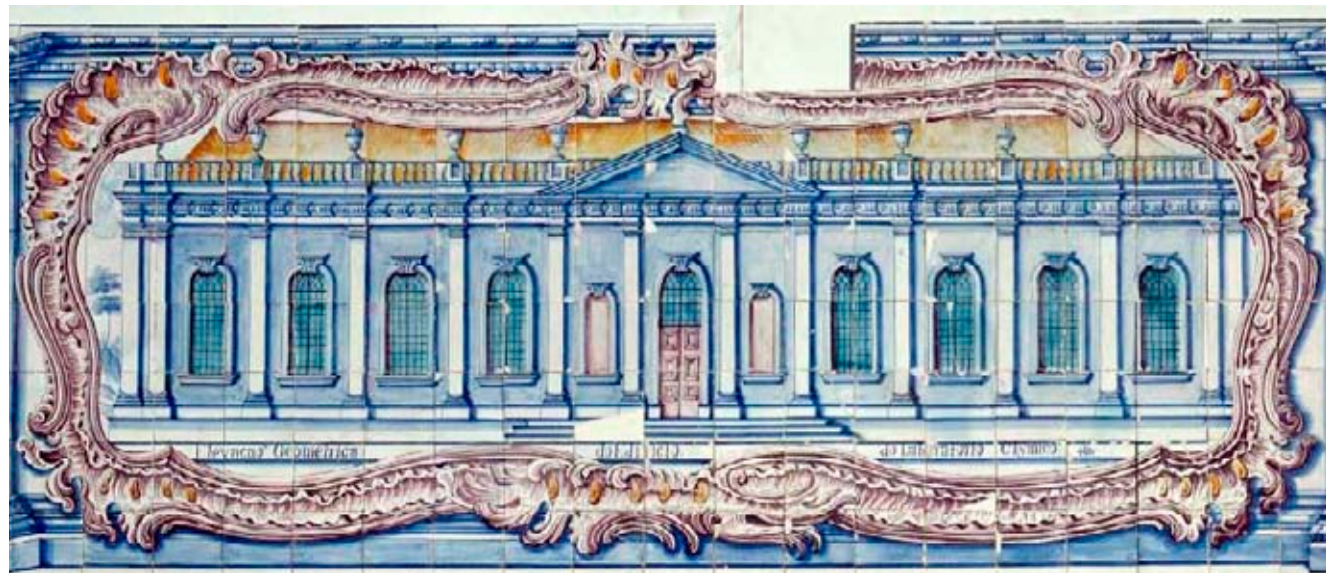
Produzidos pela última grande dinastia de ceramistas de Coimbra são as peças de autoria da família Pessoa. A esta unidade industrializada, onde é patente o uso de métodos decorativos mais rápidos, como a estampilha, são associados uma série de objectos, alguns dos quais executados para apresentar em Exposições Industriais Internacionais. A eles pode ainda ser associada a produção de peças ratinho, destinadas a uma clientela menos exigente, e uma experiência de pinturas a baixo fogo que lembra a técnica que D. Fernando II empregou na Real Fábrica de Sacavém. Eventualmente podem imputar-se a esta família as peças que empregam um vermelho denso e opaco, cor rara na produção portuguesa, e que surgem em objectos que se podem designar como curiosidades.



A rica produção azulejar de Coimbra, ao gosto *rocaille*, dever-se-à essencialmente a dois artistas – Manuel da Costa Brioso e Salvador de Sousa – e a uma unidade de produção, a Fábrica de Telha Vidrada. Esta foi criada em 1773 para fornecer telhas, tijolos e azulejos para os novos estabelecimentos da Universidade, no âmbito da reforma pom-balina, tendo encerrado com a sua conclusão em 1779.

Durante seis anos terão sido manufacturados os complexos conjuntos azulejares que foram os edifícios da Universidade e outros que decoravam a cidade, como um importante registo datado de 1772. Esta obra, surgida na sequência de uma intercessão de Nossa Senhora do Carmo, aquando de uma tentativa de assalto contra Manuel da Costa Brioso, tem a enquadrá-lo uma complexa moldura escultórica, similar a um trabalho de talha, que encontra eco em peças associadas à dinastia Brioso.

Os azulejos produzidos em Coimbra evidenciam um uso da cor e uma relação dos elementos que compõem os painéis absolutamente característicos e sem paralelo com a restante produção portuguesa.



Legendas

Desenho

Planta do bairro das olarias, 1889, 46,3 x 56 cm, MNMC, inv. 12235

Vitrina 1

1. **Vaso**, 1558, 14 x Ø 8,8 cm, MNMC inv. 1375

Vitrina 2

2. **Prato**, 2ª metade do séc. XVII, 5,9 x Ø 40,3 cm, MNAA, inv. 2471 cer.
3. **Pote com asas**, 2ª metade do séc. XVII, 13 x Ø 12,5 cm, CMGJ, inv. 154
4. **Salva com pé**, 2ª metade do séc. XVII, 6 x Ø 27 cm, MMVC, inv. 465
5. **Salva com pé**, 2ª metade do séc. XVII, 5,5 x Ø 26,7 cm, MNAA, inv. 2433 cer.
6. **Pote com asas**, 2ª metade do séc. XVII, 13,5 x Ø 10,5 cm, MMVC, inv. 482
7. **Jarra de Altar**, séc. XVII, Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, inv. 1112

Vitrina 3

8. **Prato**, 2ª metade do séc. XVII, Ø 38,3 cm, MNMC, inv. 4631
9. **Prato**, 2ª metade do séc. XVII, Ø 39,5 cm, colecção António Miranda

Vitrina 4

10. **Prato**, 2ª metade do séc. XVII, 4 x Ø 19,4 cm, MNAA, inv. 6184
11. **Prato**, 1692, 4,3 x Ø 38 cm, colecção particular
12. **Prato**, último quartel séc. XVII, Ø 20,5 cm, MNMC, inv. 9573

Vitrina 5

13. **Prato**, último quartel séc. XVII, Ø 20,3 cm, MNMC, inv. 4783
14. **Pote**, último quartel séc. XVII, 12,2 x 13,7 cm, MNAA, inv. 7442
15. **Prato**, último quartel séc. XVII, 5,3 x Ø 33,6 cm, MNAA, inv. 7451 cer.
16. **Prato**, último quartel séc. XVII, 4,4 x Ø 31 cm, MNAA, inv. 6213
17. **Taça**, último quartel séc. XVII, 5,1 x Ø 25,6 cm, MNMC, inv. 4515

Vitrina 6

18. **Sifão**, 3º quartel do séc. XVIII, 30 x Ø 36 cm, MNMC, inv. 4810

Vitrina 7

19. **Prato**, incios do séc. XVIII, 6 x 39,2 cm, MNAA, inv. 89 cer.
20. **Jarra de altar**, 1ª metade séc. XVIII, 17,8 x 13, MNMC, inv. 1509
21. **Prato**, 2ª metade do séc. XVII, Ø 30 cm, MNMC, inv. 1458

- 22. **Prato**, inícios do séc. XVIII, 5 x Ø 38,4 cm, CMP/MNSR, inv. 728 cer.
- 23. **Prato**, 1º quartel séc. XVIII, Ø 41 cm, MNMC, inv. 9621
- 24. **Prato**, inícios do séc. XVIII, Ø 19,3 cm, MNMC, inv. 4518
- 25. **Pote**, 1º metade séc. XVIII, 33 x Ø 28,5 cm, MNMC, inv. 9691

Vitrina 8

- 26. **Bacia**, Agostinho de Paiva, 1690–1699, 4 x Ø 33 cm, CMP/MNSR, inv. 587 cer.
- 27. **Prato**, finais do séc. XVII, Ø 40,5 cm, MNMC, inv. 4748
- 28. **Bacia**, inícios do séc. XVIII, 5 x Ø 33,8 cm, CMP/MNSR, inv. 623 cer.
- 29. **Prato**, 1º quartel do séc. XVIII, Ø 35 cm, MNMC, inv. 9316
- 30. **Bacia**, 2º quartel séc. XVIII, 3,6 x Ø 34 cm, MNAA, inv. 7441 cer.
- 31. **Prato**, 3º quartel do séc. XVIII, 4 x 34 cm, MMVC, inv. 931
- 32. **Prato**, 1727, Ø 40,7 cm, MNMC, inv. 4778

Vitrina 9

- 33. **Compoteira**, último quartel séc. XVIII, 24,5 x 22 cm, MNMC, inv. 9600
- 34. **Prato**, meados do séc. XVIII, 4 x Ø 33,5 cm, MMVC, inv. 930
- 35. **Jarro**, 3º quartel do séc. XVIII, 16 x 16 cm., MNMC, inv. 9748

- 36. **Prato**, finais séc. XVIII, Ø 33,5 cm, MNMC, inv. 9482
- 37. **Pucarinho**, 3º quartel do séc. XVIII, 13 x Ø 13,5 cm, MNMC, inv. 9307
- 38. **Prato**, 3º quartel do séc. XVIII, Ø 36 cm, MNMC, inv. 9311

Vitrina 9A

- 39. **Prato**, 1ª metade do séc. XVIII, 6,2 x Ø 39 cm, MMVC, inv. 485
- 40. **Prato**, 1ª metade do séc. XVIII, 6 x Ø 39 cm, MMVC, inv. 486
- 41. **Prato**, 1739, 5,4 x Ø 32,5 cm, MMVC, inv. 690

Vitrina 10

- 42. **Estatueta, Senhora das Dores**, inícios do séc. XIX, 12 x 7,8 x 5 cm, colecção António Capucho
- 43. **Pia de água benta**, 3º. quartel do séc. XVIII, 39 x 22 cm, MNMC, inv. 9828
- 44. **Estatueta, São João Evangelista**, último quartel do séc. XVIII, 19 x 8,9 x 8 cm, colecção António Capucho
- 45. **Pia de água benta**, meados do séc. XVIII, 38,4 x 21 cm, MNMC, inv. 9824
- 46. **Estatueta, Senhora da Conceição**, último quartel do séc. XVIII, 18 x 7,4 x 7,5 cm, colecção António Capucho
- 47. **Estatueta, Virgem do Leite**, último quartel do séc. XVIII,



19,5 x 10,5 x 9,8 cm, coleção António Capucho

48. **Pia de água benta**, último quartel do séc. XVIII, 21 x 8,5 cm, MNMC, inv. 4819

49. **Estatueta, Santo António**, finais do séc. XVIII, 23 x 10,4 x 9,2 cm, coleção António Capucho

50. **Placa relevada, Santo António com o Menino**, último quartel do séc. XVIII, 25 x 18,6 cm, MNSR, inv. 387

51. **Estatueta, Santo António**, último quartel do séc. XVIII, 26,5 x 8,7 x 9,5 cm, coleção António Capucho

Vitrina 10A

52. **Pia de água benta**, 1689, 66cm, MMVC

Vitrina 11

53. **Tinteiro**, 1738, 7,4 x 13 cm, CMGJ, inv. 131

54. **Tinteiro**, meados do séc. XVIII, 9,5 x 11,5 cm, MEP, inv. 114

55. **Tinteiro**, meados do séc. XVIII, 8,5 x Ø 16,7 cm, MNMC, inv. 9448

56. **Estatueta, leão bifronte**, 3º quartel do séc. XVIII, 18 x 23,5 cm, MNMC inv. 9449

57. **Tinteiro**, meados do séc. XVIII, 10,5 x Ø 17 cm, MNMC, inv. 9446

58. **Tinteiro**, meados do séc. XVIII, 8,5 x Ø 22 cm, MNMC inv. 9444

59. **Tinteiro**, 3º quartel do séc. XVIII, 8 x Ø 17,5 cm, coleção António Capucho

60. **Tinteiro**, 3º quartel do séc. XVIII, 17,3 x 16 x 15 cm, MEP, inv. 452

61. **Tinteiro**, 3º quartel do séc. XVIII, 18,2 x 20,5 x 17 cm, CMP/MNSR, inv. 626 cer.

62. **Busto relicário**, 3º quartel do séc. XVIII, 30 x 18 cm, MNMC, inv. 4805

63. **Busto relicário**, 3º quartel do séc. XVIII, 31 x 17,5 cm, MNMC, inv. 4803

64. **Busto relicário**, 3º quartel do séc. XVIII, 31,3 x 17,5 cm, MNMC, inv. 3337

65. **Busto relicário**, 3º quartel do séc. XVIII, 31,5 x 10,5 x 17,4 cm, MG, inv. 232 cer.

66. **Estatueta, cão**, último quartel do séc. XVIII, 12 x 11,8 cm, MNMC, inv. 4610

67. **Estatueta, cão**, inícios do séc. XIX, 12 x 14 cm, MNMC, inv. 4808

Vitrina 12

68. **Depósito de parede**, último quartel do séc. XVIII, 37 x 25,6 x 15 cm, MNAA, inv. 5848 cer.

69. **Depósito de parede**, 1781, 36,8 x 24 cm, MNMC, inv. 9426

70. **Travessa**, 1779, 28,5 x 37,4 cm, MNMC, inv. 4566
71. **Prato**, último quartel do séc. XVIII, Ø 22,2 cm, MNMC, inv. 4813
72. **Prato**, último quartel do séc. XVIII, Ø 22,3 cm, MNMC, inv. 4629
73. **Lavabo de mesa**, último quartel do séc. XVIII, 36, 8 x 24 cm, MNMC, inv. 9432

Vitrina 12 A

74. **Funil**, 1780, 21 x Ø 26,5 cm, MNMC, inv. 4770

Vitrina 12 B

75. **Bilha**, 1802, 29,5 x 24 cm, MNSR, inv. 321 cer.

Vitrina 13

76. **Prato**, finais séc. XVIII, Ø 35,5 cm, coleção Cristina Carvalho / João Xavier
77. **Prato**, finais séc. XVIII, 4,8 x Ø 27,4 cm, MMVC, inv. 915
78. **Prato**, último quartel do séc. XVIII, 5 x Ø 33,3 cm, MNAA, inv. 6182 cer.
79. **Prato**, meados do séc. XVIII, 3,7 x Ø 42 cm, MMVC, inv. 695
80. **Prato**, meados do séc. XVIII, 3,8 x Ø 39 cm, MMVC, inv. 693

Vitrina 14

81. **Pipa**, 1782, 15 x 24 x 14,5 cm, coleção António Capucho
82. **Prato**, inícios do séc. XIX, 5 x Ø 35 cm, MNAA, inv. 2326 cer.
83. **Garrafa**, finais do séc. XVIII, 25, 2 x Ø 16 cm, MNMC, inv. 5322
84. **Prato**, 3º quartel do séc. XVIII, 4,6 x Ø 32,7 cm, MNMC, inv. 9820
85. **Prato**, finais séc. XVIII, 5,5 x Ø 34,6 cm, MMVC, inv. 928
86. **Prato**, séc XVIII, Ø 33,5 cm, MNMC, inv. 9822

Vitrina 15

87. **Garrafa antropomórfica**, 1º quartel do séc. XIX, 31 x 12 cm, MNMC, inv. 9438
88. **Garrafa antropomórfica**, 1º quartel do séc. XIX, 24 x 15,5 cm, MNMC, inv. 4630
89. **Garrafa antropomórfica**, 1º quartel do séc. XIX, 32 x 12 cm, MNMC, inv. 9537
90. **Prato**, 1º quartel do séc. XIX, Ø 29,3 cm, MNMC, inv. 4663
91. **Pucarinho com tampa**, 1º quartel do séc. XIX, 16 x 9,6 cm, MNMC, inv. 9788
92. **Prato**, último quartel do séc. XVIII, Ø 33,7 cm, MNMC, inv. 9456

93. **Pote**, último quartel do séc. XVIII, 30,5 x Ø 26 cm, MNMC, inv. 9424
94. **Travessa**, 1º quartel do séc. XIX, 25 x 30 cm, MNMC, inv. 4807
95. **Prato**, 1º quartel do séc. XIX, Ø 33,5 cm, MNMC, inv. 9416
96. **Terrina**, 1º quartel do séc. XIX, 20 x 28 cm, MNMC, inv. 10009

Vitrina 16

97. **Jarro**, 1º quartel do séc. XIX, 27 x 26 cm, MNMC, inv. 9457
98. **Jarro**, 1º quartel do séc. XIX, 41,5 x Ø 26 cm, MNMC, inv. 9418
99. **Travessa**, 1º quartel do séc. XIX, 30 x 40 cm, MNMC, inv. 10022
100. **Travessa**, 1811–1820, 4,2 x 42 x 33,3 cm, MNMC, inv. 9833
101. **Prato**, meados do séc. XIX, Ø 34,5 cm, MNMC, inv. 9461
102. **Travessa**, meados do séc. XIX, 29,7 x 35,5 cm, MNMC, inv. 9541

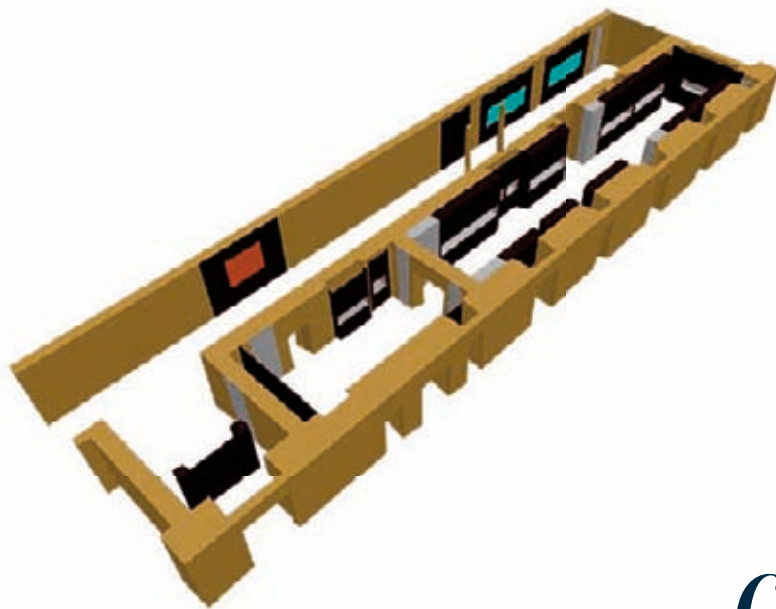
Vitrina 17

103. **Travessa**, 3º quartel do séc. XIX, 32,5 x 41 cm, MNMC, inv. 9859
104. **Travessa**, último quartel do séc. XIX, 32,5 x 38,8 cm, colecção Cristina Carvalho / João Xavier
105. **Púcaro**, 1º quartel do séc. XIX, 13,5 cm, MNMC, inv. 1448
106. **Prato**, último quartel do séc. XIX, Ø 28 cm, MNMC, inv. 1464

107. **Canjirão**, finais do séc. XIX, 26 x 24 cm, colecção Cristina Carvalho / João Xavier
108. **Peso de tear**, 2ª metade do séc. XIX, 8 x 5,6 cm, colecção Cristina Carvalho / João Xavier
109. **Travessa**, 2º metade do séc. XIX, 32,5 x 39 cm, MNMC, inv. 9918
110. **Estatueta, Pietá**, meados do séc. XIX, 8 x 6 cm, colecção Cristina Carvalho / João Xavier
111. **Garrafa antropomórfica**, meados do séc. XIX, 26 x 10 cm, colecção Cristina Carvalho / João Xavier
112. **Garrafa antropomórfica**, último quartel do séc. XIX, 32,8 x 17 cm, MNMC, inv. 9381

Azulejos

113. **Painel de azulejos da Reforma Pombalina**, Laboratório Químico, último quartel do séc. XVIII, 1,04 x 2,736 cm, MNMC, inv. 11778
114. **Painel de azulejos da Reforma Pombalina**, Observatório Astronómico, último quartel do séc. XVIII, 104 x 208 cm, MNMC, inv. 11782
115. **Arco de cerâmica e painel de azulejos**, Registo, 1772, 1,22 x 84 cm, MNMC, inv. 1720



EXPOSIÇÃO

Cerâmica *de Coimbra*

Séc. XVI – Séc. XX

Ficha Técnica

Coordenação geral

Ana Alcoforado
António Pacheco

Coordenação científica

Alexandre Pais
António Pacheco
João Coroado

Projecto expositivo

Ana Alcoforado
Carlos Santos
Virgínia Gomes

Desenho técnico

Carlos Santos

Desenho de equipamento

João Pocinho

Design gráfico

Rui Veríssimo

Fotografia

José Pessoa – DDF/IMC

Montagem da exposição

António Ferro
Francisco Leal
João Pocinho
Jorge Venceslau

Apoio à montagem

Américo Rodrigues

Apoio à produção

Maria Adelaide Marcus

Embalagem e transporte

José Pereira da Silva
Virgínia Gomes

Carpintaria e pintura

Coord. Ricardo Pereira
António Ferro
Carlos Brandão
Manuel Pardal
Pedro Melo
Carlos Escada
Fernando Matos

Iluminação

Coord. Pedro Santos
Francisco Tabora
Hugo Moura
J. Paulo Sebastião
José Tavares
Ricardo Ruben

Seguros

Lusitânia – Comp. de Seguro, SA

Segurança

Grupeme

Material gráfico

3LM

Impressão

SerSilito

Tiragem

1000 exemplares

Dep. Legal

ISBN

Apoio:



